

APPREHENSÕES



— Elle diz que me ama... Quem sabe se esta carta não é «falsa»?

1822 CENTENARIO DA INDEPENDENCIA 1922

GRANDE LOTERIA DA CRUZ VERMELHA
BRASILEIRA



DE 100
VIGINTAS
E
CENTESIMAS

AUXILIAE ESTA CRUZADA

PREMIOS MAIORES:

1 de	5.000:000\$000
1 de	1.000:000\$000
1 de	500:000\$000
1 de	200:000\$000
2 de	100:000\$000

e mais 3.169 de 50, 20, 10, 5 contos, etc.

OS PREMIOS SERÃO PAGOS PELA THESOURARIA DO
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO NO RIO DE JANEIRO
EXTRACÇÃO EM 7 DE SETEMBRO DE 1922
PELO SYSTEMA DE URNAS E ESFERAS INTEIRAMENTE NUMERADAS

GOSANDO A VIDA...



GOSANDO A VIDA... é o título da deliciosa comédia da brejeira **BEBE' DANIELS** com que o tradicional

CINEMA PARISIENSE

commemorarà o 1.º aniversário da sua nova phase

— DE —

13

do corrente até o dia

16

20% TAPEÇARIAS 20%
A CASA

ROYAL STORE

para dar lugar ao seu novo sortimento de TAPEÇARIAS, que se acha ainda na Alfandega, resolveu liquidar o seu stock existente, fazendo **20%** de desconto sobre os preços marcados para vendas exclusivamente a dinheiro.

Passadeiras de Futa e de lã -
Portinas - Stores - Galerías -
Gobelins - Sedas - Pelúcias de
seda - Paneaux - Pannos para
mesa - Tapetes - Capachos -
Sanejas.

187, RUA DO OUVIDOR, 189

Telephone N. 6717



Aventuras de Anatolio



A corôa de gloria
do eminente

Cecil B. de Mille

o glorioso creador de
"Macho e Femea"

Interpretes principaes,
doze astros fulgorantissimos
do "ecreen"



Gloria Swanson - Agnes Ayres - Bebé Daniels - Wanda Hawley - Julia Faye
- Polly Moran - Wallace Reid - Elliott Dexter
- Theodore Roberts - Monte Blue - Theodore Kosloff - Raymond Hatton.

De 10 a 16 de Julho

CINEMA AVENIDA

A obra mais bella e mais celebre que os "studios" americanos
já produziram

O MAIOR LAVOR DA "PARAMOUNT"

RIALTO

O cinema das
grandes
attracções

HOJE - BARBARA BEDFORD - HOJE e EDWARD HEARN

No impressionante cine-drama de Irvin V. Willat, (o maravilhoso director)

A FACE DO MUNDO

(Programma Argentine-American)

PROGRAMMA PARA AS SESSÕES ELEGANTES

(UMA EM VESPERAL E DUAS NOCTURNAS)

- 1.^o — Ouverture — Grande orchestra sob a regencia do Maestro Ferrer.
- 2.^o — Novidade — Elixir para criar musculos - desenhos animados - Paramount.
- 3.^o — Attracção — Ballet - A) Andalusia, do malogrado maestro Granados - B) La mort du Cigne, Saint-Saens, pela graciosa solista do Theatro Colon, de Buenos-Ayres.



CRYSANTHEME

TOILETS DE GRANDE LUXO

- 4.^o — Film — A Face do Mundo — Programma Argentine-American.
- 5.^o — Comedia — Vida Envinagrada - Mack Sennet.



A' sala de jantar, sob o foco de ouro do «abat-jour» de seda amarella com pinturas chinezas de um azul suavemente diluido, a familia Pereira Torres tomava, pausadamente, as ultimas colheradas de sôpa.

A descendencia do casal não era grande: dois meninos e uma menina: o Zezico de seis annos, o Bidico, de quatro, e a Luisita, de trez. A' mesa sentavam-se, entretanto, nesse dia, não só os tres pequenos, o sr. Torres e D. Amalinha: havia ainda, o Cazuza, sobrinho do casal, rapazola de quatorze annos, mas de alma tão simples, tão pura, tão ingenua, como de uma menina de oito.

Com esses convivas, a refeição corria sem interesse, quando o sr. Vicente Torres observou á esposa:

— Já viste? O Luiz esqueceu-se, hoje, do vinho...

E virando-se para a copa:

— Luiz?

Appareceu á porta, calças brancas, paletot branco, botinas pretas, um mulato de cabelleira repartida, typo classico do copeiro nacional.

— E o vinho? — in-

dagou o dono da casa.

A prole dos Pereira Torres primava exactamente pela vivacidade. Olhos negros, cabellino á ingleza, Luisita era um diabrete na traquinagem. Zezico, mais velho um anno, era o retrato da irmã, vestido de calça. O premio de malicia e vadição cabia, porém, na familia, ao Bidico, o mais velho, a quem as creadas temiam e de quem o gato fugia, no muro, todas as vezes que o menino apparecia no quintal.

A' chegada do Luiz, com o vinho, as creanças voltaram-se.

— Papae, eu posso? — indagou o Bidico, apresentando o copo.

— Não, senhor; não pode, — respondeu o chefe da casa.

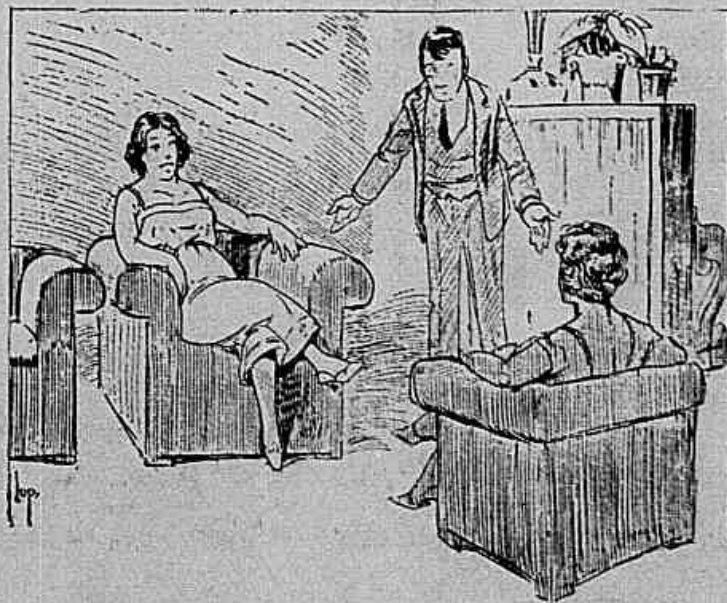
Essa recusa não alterou o bom humor do menino. Uma vez que não podia beber do vinho, queria, ao menos, instruir-se sobre elle. E foi com a boquinha cheia de arroz, que indagou:

— Papae, quem foi que inventou o vinho?

— Não sei, meu filho; dizem que foi Noé.

— Aquelle que metteu uma porção de bichos nu-

HORA CERTA



— Cheguei na hora; vêm? Falta um quarto para as duas...



ESSAS MANCHAS NO ROSTO

ESSE RHEUMATISMO

AS ESPINHAS - AS FERIDAS - DOENÇAS
DA PELLE - ARTHRITISMO - MOLESTIAS
E PURGAÇÕES DOS OLHOS E OUVIDOS,
ULCERAS NOS LABIOS, BOCCA, SEIOS -
São algumas manifestações

DA

SYPHILIS

POLLANG é a mais Racional, Scien-
tífica e Poderosa Formula de Combate-la

Medicos illustres e conhecidos attestam o seu poder therapeutico

Attestado do Exmo.
Sr. Dr. Bruno Lobo,
professor de Microbio-
logia da Faculdade de
Medicina do Rio do Ja-
neiro.

Sendo o "**Pollang**"
um medicamento anti-
syphilitico, no
qual estão asso-
ciados intelli-
gentemente o
Iodo e o Mercu-
rio, deve o mes-

mo ser preferido pela
segurança dos seus
efeitos.

Rio, 6 de Novembro
de 1921.

(a) **Bruno Lobo.**

Professor da Faculda-
de de Medicina e Direc-
tor do Museu Nacional.

Attesto que pela via
gastrica dá resultados
satisfactorios nas mani-
festações da syphilis o

Depurativo Pollang.

Dr. Arruda Vallim
Rua General Polydoro, 2.

Attesto que tenho em-
pregado na minha clini-
ca, com resultados posi-
tivos, o depurativo "Pol-
lang," nos casos, mesmo
graves, de syphilis e suas
manifestações.

Rio, 27 de Junho de 1922.

Dr. M. Bastos de Oliveira.
Rua Sorocaba, 29.

Em todas as Drogarias e Pharmacias do Brasil — Agentes: Silva Gomes & C. — Rua 1.º de Março, 151 — RIO

A ETERNIDADE



Data de tempos immemoraveis o costume de não recusar aos condemnados á morte a satisfação do ultimo dos seus desejos. Na idade média, alguns delles abusavam dessa tradição, pedindo, antes da forca ou do envenenamento, prazeres criminosos. Rodolpho Bräu, scelerado de Colonia, desejou, antes de morrer, passar uma noite de delicias com a esposa do juiz que o condemnou. O magistrado quiz relutar, a principio; o tribunal appellou, porém, para os seus sentimentos de humanidade, e Rodolpho sentiu a corda no pescoço depois de haver tido na bocca, uma noite inteira, a bocca da formosa Rodogonda, esposa do juiz.

Ao contrario do que muita gente suppõe, a pena de morte não está, ainda, eliminada no Brasil. Os julgamentos não são proferidos, é certo, de modo publico, nem são publicas as execuções. Estas se realisam ás duas, e ás tres, por anno, ora na ilha das Cobras, ora na praia do Arpoador, ora na ilha Rasa, ora, ainda, no pateo da casa de Detenção. De accordo, porém, com a pragmatica, não se recusa nada ao condemnado, o qual póde contar, por isso, com todos os gozos que lhe nasçam da imaginação exaltada.

O caso mais typico foi, entretanto, o ultimo. Reunido secretamente, o Supremo Tribunal confirmara a sentença de morte lavrada pelo juiz criminal contra Antonio Severo Mendes, ban-

dido famosissimo que matara, uma noite, a propria esposa, para tirarlhe das entranhas um nickel de quatrocentos reis. Submettido a interrogatorio, o miseravel confessou o crime. Condemnado, ouviu indifferente a sentença. E foi quando o Presidente do Tribunal, que era, eventualmente, o ministro André Cavalcante, perguntou, com a gravidade que o momento requeria:

— Que é que deseja o condemnado, antes de morrer? A sua ultima vontade será cumprida.

— A minha, sr. ministro? — indagou o condemnado.

— Peça, e será satisfeito, — confirmou o dr. André.

Antonio Severo baixou a cabeça, pensativo. Ao fim de alguns minutos, pediu:

— Eu quero, sr. ministro...

E entre o profundo silencio de todos:

— Ver o fim das obras da Exposição!

Os juizes entreolharam-se. Opiniões foram trocadas, á meia voz. O ministro André cóça a cabeça, preocupado. Ao fim de um momento, porém, determina:

— O condemnado vae ser attendido. Vou mandar officiar á Academia de Letras.

E aos seus pares:

— Este homem precisa ser eterno. Vou providenciar para que elle seja "immortal"!

E encerrou a sessão.

Dr. Ox.



REMINISCENCIAS



O Passado e o presente



O Senador Marçillo de Eacerta, em 1879



O Deputado Armando Burlamaqui, em 1880



O General Marianno Rondon, em 1867

ma barca como a de Nictheroy?

— Esse, mesmo.

— E de que foi que elle fez o vinho?

— Da parreira.

Bidico engoliu o arroz, ficou a olhar vagamente o espaço, e tornou:

— Parreira não é aquella folha que Eva botou em cima da perna?

— E essa mesmo.

Bocca repleta de novo, Bidico não fallou.

Ao engolir, porém, o bocado, voltou:

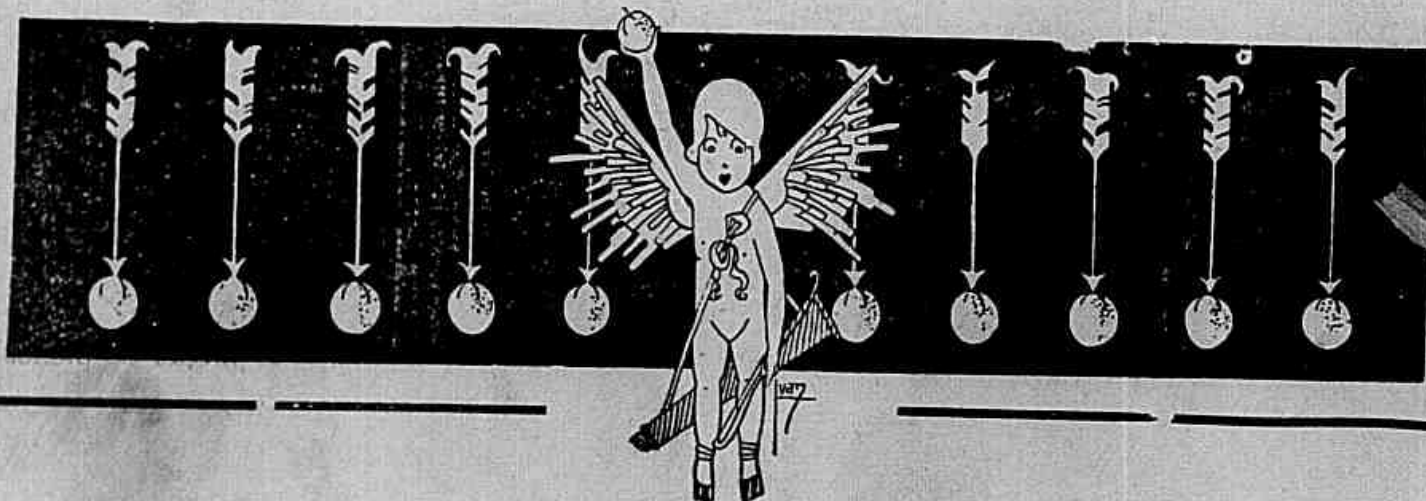
— Papae?

— Que é, menino? — attendeu o velho, já meio aborrecido com a impertinencia.

E o pequeno, o rostinho muito serio, os olhinhos muito vivos:

— Foi por que Eva botou a folha em cima da perna que o Noé escolheu a parreira para fazer vinho? Foi?

X. X.



FIGURAS NACIONAES



O CONDE... CORADO

PAULO FRONTIN



Quando a parteira apresentou á porta da alcova o pirralho que acabava de nascer, o pae exclamou, accendendo um cigarro tosco, feito no canto da mesa de jantar:

— Eu, por mim, dava-lhe o nome de Moysés. Não sou judeu, não; mas é um presentimento,

que tenho, de que o nome lhe ficaria bem.

A mãe do pequeno não quiz, porém, concordar. Havia feito uma promessa, de que, se fosse menino, seria Paulo; e se menina, Martha. Um accidente physiologico transformara a menina em menino. Era evidente, pois, que a Martha se chamaria Paulo.

Rebento de uma familia catholica, o novo membro do christandade foi, desde creança, temente a Deus. Levado á pia baptismal aos seis mezes, agarrou-se com a vela que lhe puzeram na mão na occasião da cerimonia, a ponto de se tornar indispensavel tirar-lh'a dos dedinhos gorduchos. Ao lhe ser mettido o sal na bocca, chupou, logo, o dedo do sacerdote. E tamanho berreiro fez quando a madrinha o levou para a casa, que o vigario observou, tomando a sua pitada de rapé:

— Vae ser um catholico ás direitas, o garotinho.

E benzendo-o, com a pitada nos dedos:

— Deus o conserve!... Deus o conserve!...

Aos dez annos, era o pequeno Paulo a creança mais amiga de egreja que se tinha visto na freguezia. Mal o sacristão abria a porta lateral da matriz das Dores, lá estava o menino, de camisa branca e chinellas sem meia, a benzer-se diante de cada altar, para, em seguida, galgar a torre, atraz dos ninhos de andorinha. Em menos de um anno, elle limpou, sosinho, o templo inteiro, infestado de aves nocturnas. Era, então, o Napoleão das coruajs, o Cesar da morcegada, o Alexandre dos caborés.

Serviço tão relevante não podia ficar, entretanto, sem recompensa. E foi com a idéa de premiar o merito, que o padre Manoel Ignacio o chamou, uma tarde, á sacristia:

— Paulo, você quer ser sacristão, meu filho?

O menino poz os olhos no chão, confuso. De repente, porém, indagou:

— O sacristão é que toma conta das galhetas?

— E', sim, — confirmou o sacerdote.

— Então, eu quero!

Quatro annos consumiu o pequeno Paulo servindo a Deus, como sacristão da egreja das Dores. De manhã, era elle quem mudava a agua dos vasos sagrados, quem accendia as velas, e quem enchia as galhetas com o vinho generoso; e á tarde, lá estava, de novo, com a sua tunica de morim, a andar de um lado para outro da nave, curvando-se, numa grande mesura, diante de cada altar. E aos quinze, lá deixava tudo isso, para vir concluir, no Pedro II, os preparatorios fundamentais, que lhe dariam ingresso, dois annos depois, no curso

de engenharia da antiga Escola Central.

Diplomado com distincção, entrou, logo, o sacristão da Senhora das Dores a dar mostras da sua assombrosa capacidade. Inteligencia viva, conseguiu, logo, a sympathia do Imperador, que dizia, d'elle:

— E' formidavel, o homensinho.

E accentuava:

— E' uma bibliotheca em desordem abandonada numa locomotiva!

As obras então emprehendidas por Paulo de Frontin davam idéa, realmente, desse tumulto genial. O plano, por mais extravagante e audacioso, encontrava nelle, sempre, um executor decidido. Certo dia, mandou avançar um dos ramaes da antiga Estrada Pedro II, hoje Central, em determinada direcção. Dias depois voltou o engenheiro:

— Doutor, na direcção indicada ha um morro de pedra viva, de cem metros de altura. Posso fazer um desvio?

— Não, senhor, — respondeu o futuro mestre da engenharia nacional.

E passando o lenço pelo rosto suado:

— Mande tirar o morro.

Foi por esse tempo que se deu o caso da agua em seis dias. A cidade soffria, ha mezes, o supplicio da sede. Os mananciaes mais proximos haviam seccado. Convocados pelo governo, os engenheiros officiaes declararam que o problema precisava de oito mezes para ser resolvido. Levada essa noticia ao Imperador, o soberano ficou desolado.

— E o Frontin? Já consultaram o Frontin? — indagou, com um raio de esperanza.

Chamado ao Paço, Paulo de Frontin respondeu, sem preambulos:

— Conheço o caso. Dê-m-se elementos, e eu fornecerei agua á cidade em seis dias!

Um sorriso de zombaria arregaçou o labio á engenharia official. No dia seguinte, cedo, Frontin atacava os trabalhos com oitenta homens. No outro dia, com duzentos. Nos outros, as estradas pareciam um formigueiro humano. E no sexto dia, á tarde, a agua jorrava torrencialmente em todas as caixas, rebentando nas torneiras como se fôsse a ameaça de um novo Diluvio.

Durante vinte annos limitou-se o assombroso engenheiro a accomodar na cabeça illustre a sua corôa de conde papal, até que Passos o chamou, quando Prefeito, para fazer a Avenida. Formidavel como ideador, e, ainda mais, como realizador, Frontin limitou-se a perguntar:

— E' para hoje ou para amanhã?

E, em uma noite, do cantar do sino ao cantar do gallo, predizpoz tudo para essa campanha desesperada, e infatigavel, que foi o embelezamento da cidade.

Na direcção da Central, annos mais tarde, era ainda o mesmo Titan. A Serra do Mar foi esfuracada como um queijo. Estradas novas, enri-

(Cont'núa em «Potins»)



Os dois pontos (:))

O principal atractivo da formosura barbara de mme. Castro Dorster são aquelles signaesinhos encantadores. Os olhos da jovem senhora são lindos, no seu mixto de fulgor e de ternura. Os cabellos castanhos, ligeiramente ondedos, cheiram como uma campina desabrochada. A bocca, pequena e vermelha, de labios polpudos, guarda duas fieiras de dentes tão certos, tão eguaes, como se fossem colleccionados a capricho. E' alta, esbelta, collo de onda, e veste-se com o gosto, o garbo, o apuro de uma verdadeira parisiense.

A vaidade da linda senhora não está, entretanto, em nenhum destes attributos da sua graça incontrastavel: motivam-n'a, e justamente, alguns signaesinhos meudos, legittimos «grains de beauté», que lhe dão uma certa graça ao rosto, ao sorriso, á pelle morena, ao conjuncto, em summa, da sua formosura atordoante.

São elles em numero de cinco: um, sob a palpebra esquerda, pequenino como uma pulga que lhe procurasse o negro abysmo dos olhos; outro, do mesmo tamanho, e egualmente negro, na face direita, lisa e corada como um jambo; outro, no pescoço, á direita; e dois, pequeninos, eguaes, juntinhos um do outro, como Castor e Pollux, em pleno collo, quasi na fimbria do decote, como se se quizessem abrigar sob as rendas.

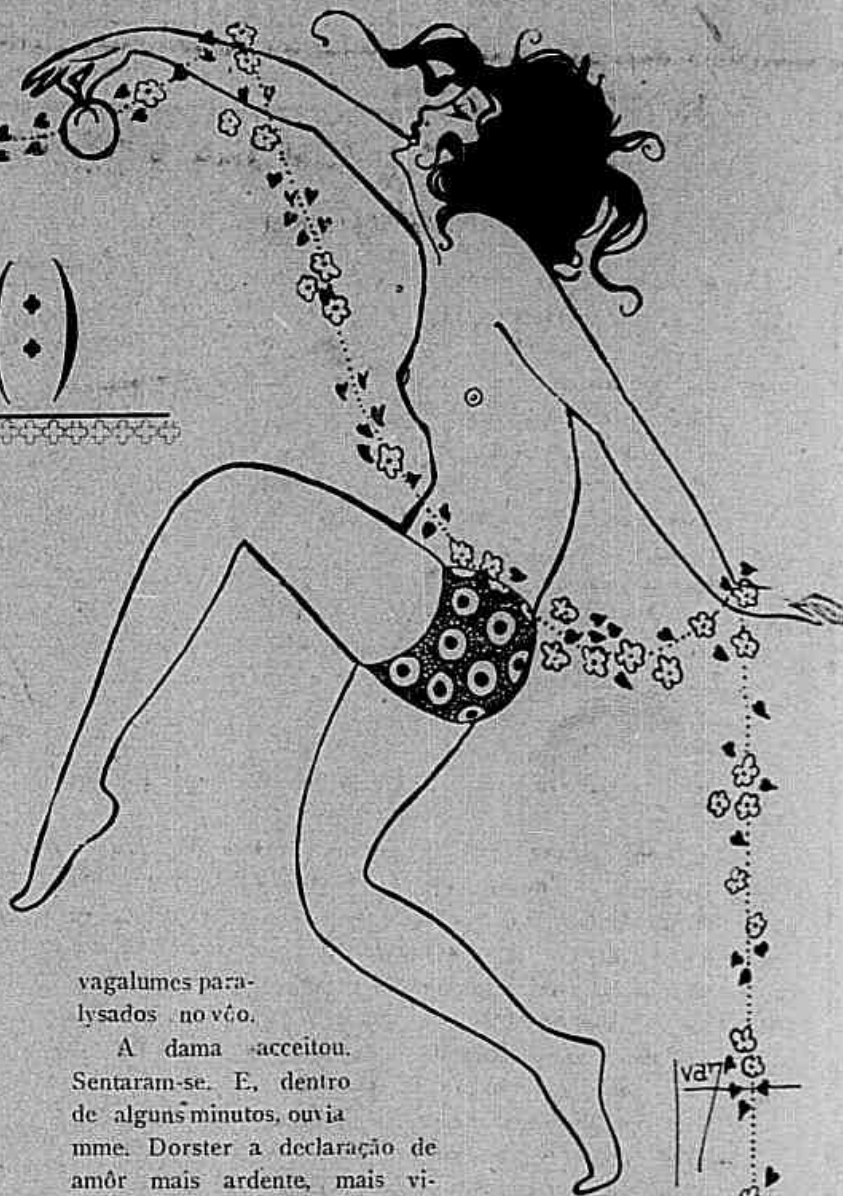
Admirador da maravilhosa creatura, o dr. Pantaleão Moreira não havia encontrado, jamais, oportunidade para manifestar o entusiasmo que aquelle conjuncto de graças lhe despertava. Cnemas, bailes, passeios, a tudo fôra elle, na esperança de um colloquio rapido, em que dêsse vasão áquelle tumulto de sentimentos. Parecia-lhe, pois, um sonho, aquella ventura de ter ao seu braço, naquella jardim quasi deserto, de uma quietude convidativa, a mulher cuja imagem constituia o seu pensamento de cada dia, de cada hora, de cada momento.

Radiosa de belleza, mme. Castro Dorster estava, em verdade, deslumbrante. O vestido de baile, descobrindo-lhe os braços e o collo, punha em destaque, aos olhos do rapaz, bellezas novas, encantos novos, graças novas, que elle nunca imaginara. E entre estas, lá estavam, radiando, negreando no collo ondulante, aquelles dois signaesinhos atrevidos, um deante do outro, como companheiros inseparaveis.

— Poderíamos descançar um pouco? — offereceu o rapaz, indicando um banco verde, á sombra de um jasmineiro florido, pontilhado de lampadas pequeninas como

me no jardim?

Palha teve um calafrio; a idéa do contacto das mãos e da força empregada para reter a mulher é que o mortificava mais. Francamente, se pudesse, era capaz de ir ter com elle, e deitar-lhe as mãos ao gasnate. Outras idéas, porém,



vagalumes paralyzados no vôo.

A dama aceitou. Sentaram-se. E, dentro de alguns minutos, ouvia mme. Dorster a declaração de amor mais ardente, mais viva, porventura chegada, até agora, a ouvidos de mulher.

— E estes signaes, — gemia o rapaz, — estes signaes, minha senhora, regulam, no seu rosto, no seu collo, a pontuação do meu destino. — Aqui, na sua face, na sua palpebra, estão as reticencias misteriosas da minha felicidade. Que segredos conterão ellas? Que arcano guardarão?

Curvado, quasi de joelhos, o rapaz tomou nas mãos o rosto da moça, que fechou os olhos, numa syncope deliciosa. Beijou-lhe o signal da palpebra. Beijou-lhe o da face. Beijou-lhe o do pescoço. De repente, estacou, diante dos dois, que ornavam o collo.

— E estes dois, — gemeu, — que dirão elles? Que significarão elles no poema da minha sorte, do meu futuro, da minha vida?

A moça abriu os olhos, dôce.

— Estes, — sussurrou, a voz tremula, indicando os dois signaesinhos do collo, — são dois pontos, e significam o que representam. Querem dizer...

E fechando os olhos, a mão no decote:

— ... que póde continuar...

Senador Fulano

acudiram e dissiparam o effeito da primeira; de modo que, cuidando Sophia havel-o irritado, viu-o dar de hombros com desprezo, e responder-lhe que effectivamente era um acto de grosseria.

Machado de Assis

ANTOLOGIA GALANTE

SOPHIA

(Página do « Quincas Borba »)

Palha ficou alguma tempo calado, olhando para a mulher, a ver se adivinhava qual tinha sido o melhor episódio da noite. Não podia acertar; acudia-lhe isto ou aquillo, nada; Sophia abanava a cabeça.

— Mas então que foi?

— Não sei; adivinha.

— Não posso. Dize logo.

— Com uma condição, acudiu ella; não quero zangas num barulhos.

Palha foi ficando mais serio. Zangas? barulhos? Que diabo podia ser? pensava elle. Já se não ria; tinha só um resto de sorriso forçado e resignado. Olhou bem para ella, e perguntou-lhe e que era.

— Você promete o que lhe disse?

— Vá lá. Que foi?

— Pois saiba que ouvi nada menos que uma declaração de amor.

Palha empallideceu. Não promettera deixar de empallidecer. Gostava da mulher, como sabemos, até o ponto singular de publical-a; não podia ouvir a frio a noticia. Sophia viu a pallidez, e gostou da má impressão causada; para saboreal-a mais, inclinou o busto, soltou o cabello atraz, que a incommodava um pouco, recolheu os grampos em um lenço, depois sacudiu a cabeça, respirou largo, e pegou nas mãos do marido, que ficára de pé.

— E' verdade, meu velho, namoraram-te a mulher.

— Mas quem foi o patife? disse elle impaciente.

— Mau, se vamos assim, não digo nada. Quem foi?

Quer saber quem foi? Hade ouvir socegado.

Foi o Rubião.

— O Rubião?

— Nunca imaginei tanto. Parecia-me acanhado e respeitoso; fica sabendo que não é o habito que faz o monge. De tantos homens que aqui vêm não ouvi nunca o menor dito. Olham para mim; naturalmente, porque não sou feia... Para que estás andando assim de um lado para outro? Pára, que não quero levantar a voz... Bem, assim... Vamos ao caso. Não me fez declaração positiva...

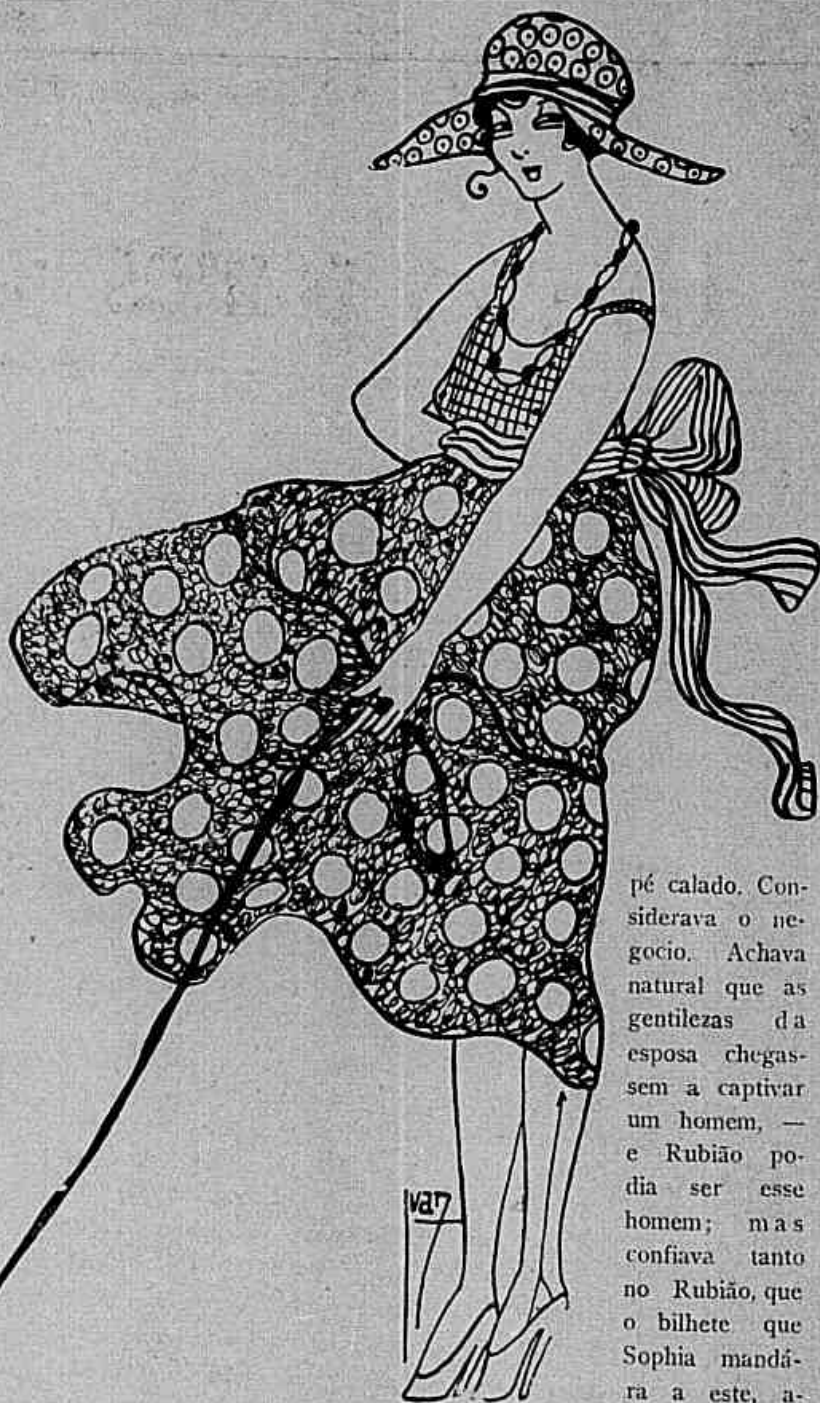
— Ah! não? acudiu vivamente o marido.

— Não, mas vem a dar na mesma.

E depois de contar o que se passára no jardim, desde que alli chegaram os dous, até que o maior appareceu:

— Foi só isso, concluiu; mas é bastante para ver que se elle não disse amor é porque não lhe chegou a lingua, mas chegou-lhe a mão, que me apertou os dedos... Só isso, e é demais. Ainda bem que te não zangas; mas é preciso trancar-lhe a porta, — ou de uma vez ou aos poucos; eu preferia logo, mas estou por tudo. Como achas melhor?

Mordendo o beijo inferior, Palha ficou a olhar para ella a modo de estúpido. Sentou-se no cana-



pé calado. Considerava o negocio. Achava natural que as gentilezas da esposa chegassem a captivar um homem, — e Rubião podia ser esse homem; mas confiava tanto no Rubião, que o bilhete que Sophia mandára a este, acompanhando es-

morangos, foi redigido por elle mesmo; a mulher limitou-se a copiar-o, assignal-o e mandal-o. Nunca, entretanto, lhe passou pela cabeça que o amigo chegasse a declarar amor a alguém, menos ainda a Sophia, se é que era amor devéras; podia ser gracejo de intimidade. Rubião olhava para ella muita vez, é certo; parece tambem que Sophia, em algumas occasiões, pagava os olhares com outros... Concessões de moça bonita! Mas, emfim, comtanto que lhe ficassem os olhos, podiam ir alguns raios d'elles. Não havia de ter ciúmes do nervo optico, ia pensando o marido. Sophia levantou-se, foi pôr o lenço com os grampos em cima do piano, e deu uma olhada ao espelho para ver-se com a trança cahida. Quando voltou ao canapé, o marido pegou-lhe na mão, rindo:

— Parece-me que te amofinaste mais do que o caso merecia. Comparar os olhos de uma moça ás estrellas, e as estrellas aos olhos, afinal de contas é cousa que até se pôde fazer á vista de todos, em familia, e em prosa ou verso para o publico. A culpa é de quem tem olhos bonitos. Demais, apesar do que me contas, sabes que elle é ainda matuto...

— Então o diabo tambem é matuto, porque elle pareceu-me nada menos que o diabo. E pedir-me que a certa hora olhasse para o Cruzeiro, afim de que as nossas almas se encontrassem?

— Isso, sim, isso já cheira a namoro, concordou Palha; mas bem vêes que é um pedido de alma candida. E' assim que as moças falam aos quinze annos; é assim que falam os tolos em todos os tempos, e os poetas tambem; mas elle nem é moça nem poeta.

— Creio que não; mas segurar-me nas mãos para refer-



Os contos do almirante

A lei de Moysés



Abrahão, filho de Levy, é um typo característico da sua raça. Magro, alto, barba negra e cerrada, olhos pequenos e escuros, nariz aquilino, passa o dia a vagar de um lado para outro da sua casa de penhores, á espera dos clientes necessitados. A freguezia é numerosa porque os seus juro são modicos: dez por cento ao mez, sem reforma de cautella, dando elle ao freguez apenas um terço do valor do objecto empenhado.

Honrado e intransigente, Abrahão, filho de Levy, tem, na vida, um cuidado: o destino do seu pequeno Jacob, sangue do seu sangue, carne da sua carne. Jacob prospera na lei de Jehovah, mas Abrahão, filho de Levy, teme, como pae, que elle degenere em costume, pondo fóra, como os mancebos christãos, a herança penosamente accumulada pelos antepassados.

Jacob, filho de Abrahão, tem apenas seis annos. E' uma linda creança de olhos negros e face pallida, a quem Sara, como mãe amantissima, recita quotidianamente os ensinamentos de Moysés. Elle sabe que a maior virtude humana é a economia. Os botões que lhe escapem da roupa são guardados um a um como se fossem moedas de ouro. Phosphoro que lhe caia sob os olhos é levantado e colleccionado para ser, depois, transformado em palito. Abrahão, filho de Levy, ensaia um sorriso quando vê a paciencia do iflho. O seu coração teme, porém, que o menino se contagie no convivio de estranhos, tornando-se perdulario, estroina, dissipador, incompatibilizando-se, por esses sentimentos, com o espirito fundamental da sua raça.

Certa noite, quiz, porém, Jehovah, que a sua graça cahisse, numa chuva de confiança humana, sobre a cabeça de Abrahão, filho de Levy. Terminado o breve repasto da noite, ja o usurario abrir a Biblia para ler um trecho do livro de Job, quando indagou:

— Jacob, filho de Abrahão e neto de Levy, que dia é hoje?

— Sabbado, meu pae.

— Não é dia de mudar de camisa?

— E', sim, meu pae; é dia de mudar de camisa.

— Então, vae mudar a tua camisa, Jacob, filho de Abrahão e neto de Levy; e que Jehovah seja contigo.

Pequenino, magro, ligeiro como um veado, o menino tomou o rumo do quarto de dormir. Ao fim de alguns minutos voltou, com um camisão igual, em tudo, áquelle que vestia quando entrara. O comprimento era o mesmo, e o mesmo, o feitiço. Era, apenas, um pouco mais desbotado.

— Mudaste o camisão, Jacob, filho de Abrahão e neto de Levy? — indagou o judeu.

— Mudei, pae, — confirmou o pirralho.

E olhando a roupinha humilde:

— Tirei aquelle com que estava, e vesti-o do avesso.

Um sorriso de felicidade illuminou a physionomia do esposo de Sara. E foi com os olhos erguidos, a barba negra reflectindo o brilho do olhar, que o pae gemeu, estendendo a mão sobre a cabeça do pirralho:

— Jehovah te conserve sempre na lei de Moysés, Jacob, filho de Abrahão e neto de Levy!

E começou a aparar um phosphoro, para fazer um palito.

Almirante Justino Ribas

Positivismo

Em um grupo de civis e altas patentes militares, conversava-se na ultima segunda-feira, sobre os acontecimentos politicos. Preoccupado, o general Rondon opinou:

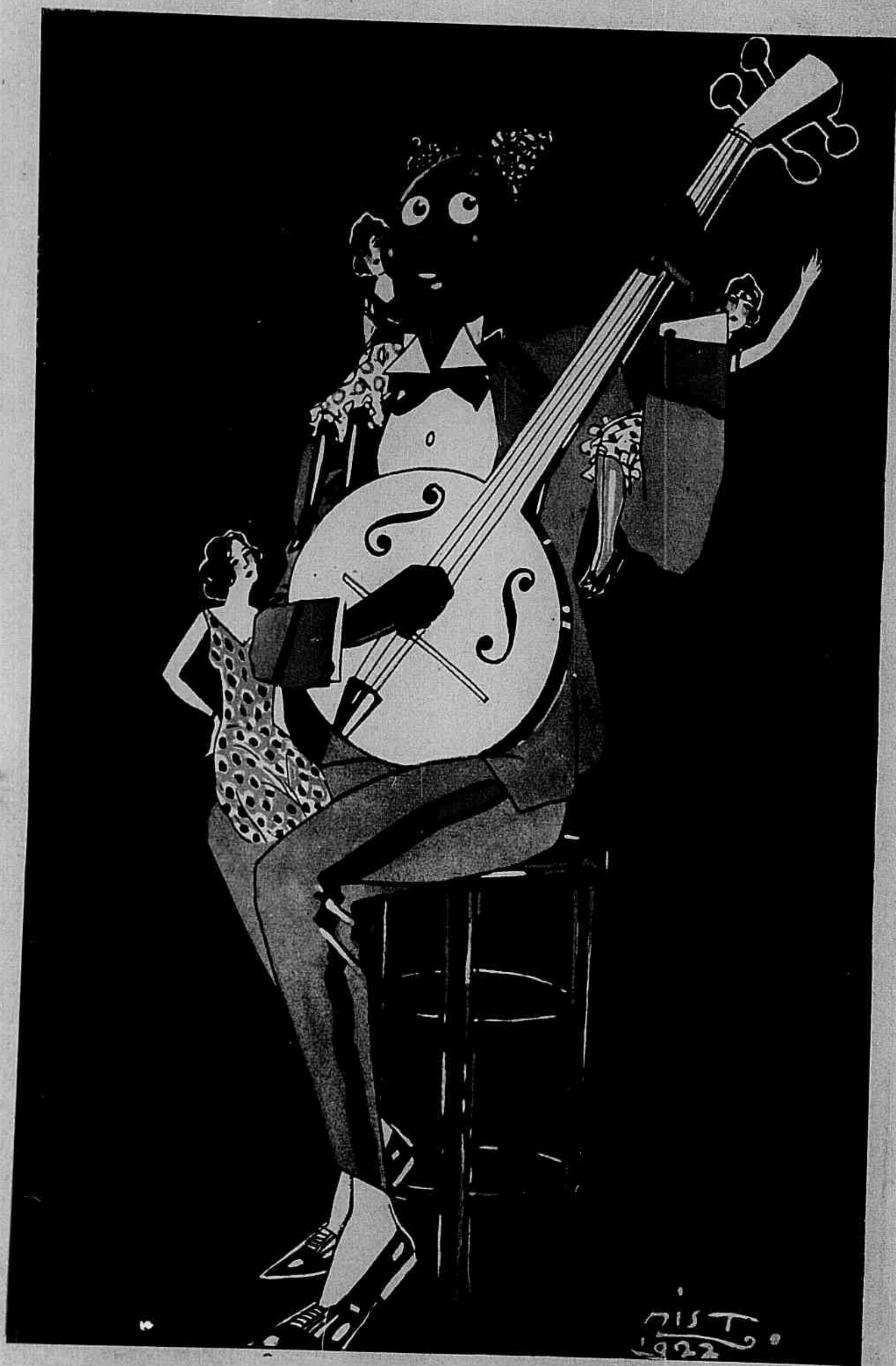
— Eu, por mim, não tenho nenhum entusiasmo por essas cousas. Porque, a verdade, é que Comte condemnaria tudo que se tem feito, tanto de um lado, como de outro.

--ORondon é sincero, — commentou o general Barbedo, a quem levaram a noticia dessa opinião.

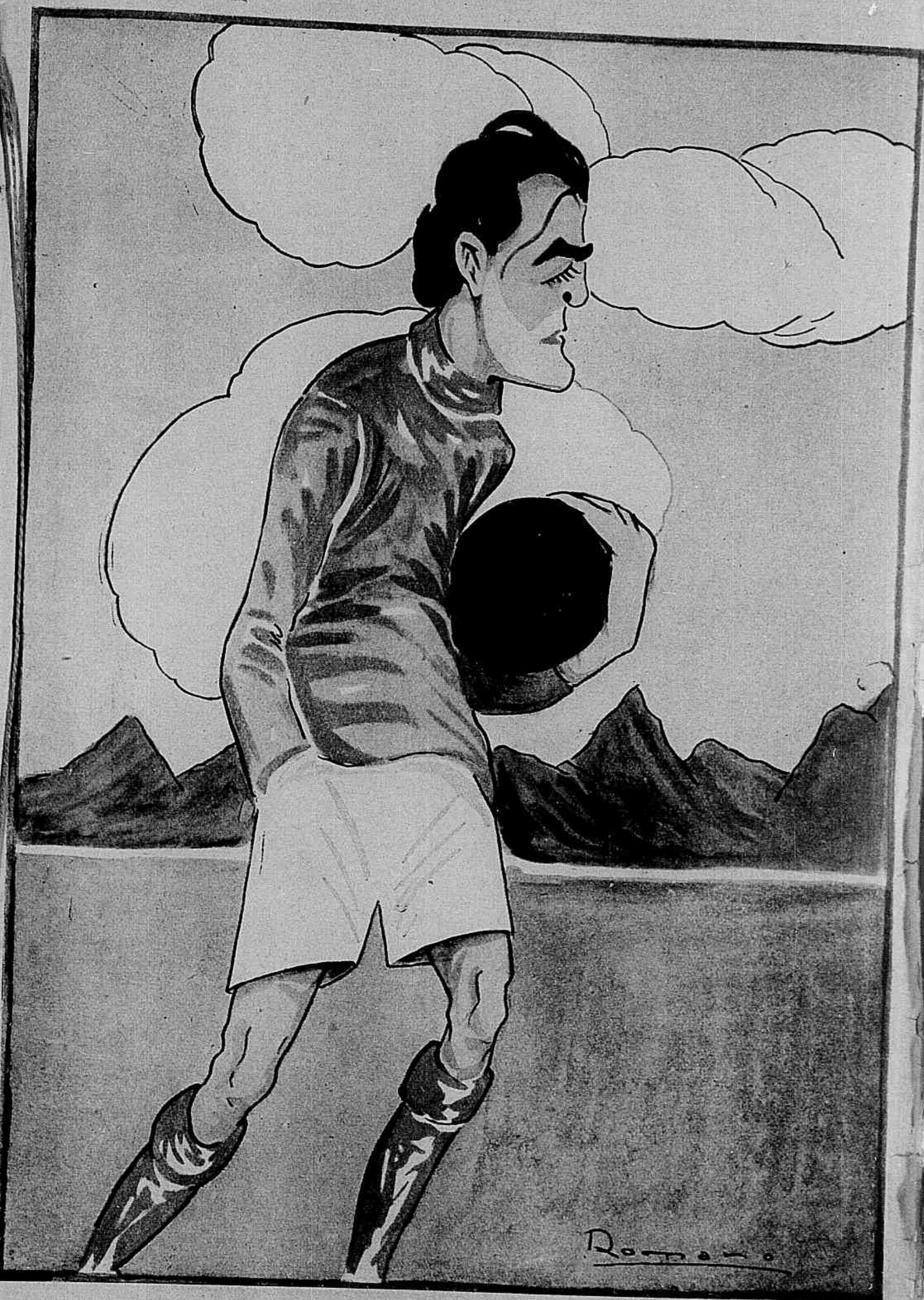
E rindo:

— Ninguém «Comte» com elle!

OS IDOLOS DO SECULO

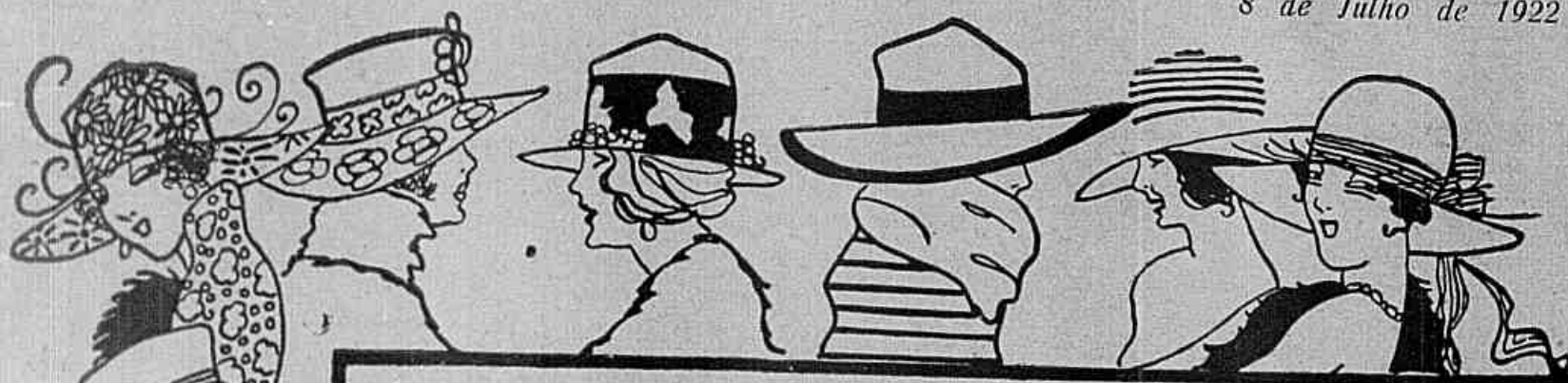


III — O BATUTA



KUNTZ (Do «Flamengo»)

(Vire a pagina, e leia a biographia)



A decepção do Ximenez

Pablo Ximenez estava a bordo do «Arlanza», de passagem para a Europa, quando entendeu de saltar no Rio, para visitar a cidade. Vinha de Buenos Aires, onde nascera, e queria vêr se a capital brasileira possuía, realmente, os encantos que lhe attribuiam.

O «Arlanza» estava atracado ao caes Mauá, em frente ao jardim. Parecia uma cidade abraçando outra cidade. As suas chaminés enormes, grossas como tuneis de estrada de ferro, vomitavam uma fumaça clara e preguiçosa, de embarcação em repouso. E foi na certeza de que o paquete não sahia senão á noite que Ximenez tomou a bengala, concertou a gravata, trocou o gorro de viagem pelo chapéo de passeio e, sem attender os «chauffeurs» que o assediavam, tomou, a pé, pela Avenida Central.

O dia estava quente e, quando o nosso viajante chegou ao canto da rua São Pedro, tinha sede. Entrou em um café, e pediu cerveja. Tres quarteirões depois tomou um «chopp». No Lopes Fernandes atirou, estomago a dentro, uma limonada. Na Casa Carvalho, tomou outro «chopp». E tantos liquidos ingeriu, que, duas horas depois de haver desembarcado, sentia necessidade de entrar num lugar secreto qualquer, de onde sahisse mais leve, mais lepido, e prompto para outros «chopps», para outra cerveja, para outra limonada.

Com esse pensamento sem esperança, chegou á rua da Assembléa. Olhou para a direita, olhou para a esquerda. De repente, teve um sorriso de satisfação: á porta de tres ou quatro cubiculos, amontoavam-se dez ou quinze pessoas, fazendo cauda. Certo, alli era um desses logares providenciaes, existentes, para bem de todos e hygiene geral da cidade, nas grandes capitais. De vez em quando,

a porta de um cubiculo abria-se, para dar passagem a um cavalheiro ou a uma senhora. Havia um movimento no grupo, indicando-se uns aos outros:

— E' a vez do senhor.

— Ou:

— Agora é a senhora.

Ao fim de vinte minutos, Ximenez estava em terceiro lugar. Suava frio, como uma garrafa na geladeira. Se aquillo demorasse dez minutos mais, elle não resistiria: seria um escandalo, mas elle deixaria alli mesmo o «chopp», a cerveja, a limonada.

Do cubiculo a cuja cauda de clientes elle havia adherido, sahio uma senhora jovem ainda, olhos azues, cabellos de ouro, vestido branco, chapéo de «paillasson» vermelho. Retirava-se radiante, como se tivesse descarregado a consciencia.

— Felizarda! — gemeu Ximenez, invejando a moça, que elle teria seguido, com certeza, em outra occasião.

Aberta a porta do cubiculo, enveredou por ella, fechando-a sobre si, um cavalheiro. Era o ultimo, antes de Ximenez. O argentino quasi não podia mais. As pernas tremiam-lhe, num formigamento horrivel. Têve impetos de atirar-se de encontro á porta, lançando-se lá dentro, disputando o lugar ao sujeito. Felizmente, este, adivinhando o risco que corria, não demorou.

— E' a sua vez... disseram-lhe, ao mesmo tempo, um cavalheiro e uma senhora que estavam a seu lado.

Mas Ximenez não ouviu nada. Atirou-se pelo cubiculo com uma furia de fera, a mão nos botões do collete, fechando a porta com estrondo. Dentro, porém, estacou, branco, tremulo, suando frio, as mãos no cós.

Era um telephone publico.

Batu Allah



ALCOVA DOS POETAS

OS AMORES

DA ABELHA

Quando, em pródigo anseio, a abelha as azas solta
E escala o espaço, — ardendo, exul do coreto cerco,
Louca, se precipita a sussurrante escolta
Dos noivos zonzos, voando ao nupcial mysterio.

Em breve, succumbindo, o enxame arqueja, e volta...
Mas o mais forte, um só, senhor do excelso imperio,
Segue a esquiva, e, em zumzum zeloso de revolta,
Entoa o epithalamio e o cântico funereo:

Toca-a, fecunda-a, e vence, e morre na victoria...
A esposa, livre, ao sol, no alto do firmamento,
Paira, e, rainha e mãe, zumba de orgulho e gloria:

E, rodopiando, inerte, o suicida sublime,
Entre as bênçãos da luz e as hosannas do vento,
Rola, martyr feliz do delicioso crime.

Olavo Bilac



ODORANS

Dentifricio medicinal. O unico que evita a carie e o mau halito.
A experiencia custa apenas 2\$500. A' venda em toda parte.
Deposito geral: CASA HERMANNY — Rio.

PÉS... DE ANJO

KUNTZ



Em certo dia de 1919, pouco antes do armistício com a Alemanha, estava o coronel Bailly na Polícia Marítima quando chegou um guarda, afflictíssimo. Ia comunicar-lhe haver a bordo de um navio da Costeira, entrado do sul, um rapagão de origem alemã, que, pelos modos, parecia espião.

— Mandem-n'o para a ilha das Flores! — ordenou o coronel.

Dois dias e duas noites passou o passageiro do «Ita» no pavilhão de colonos estrangeiros, aguardando a solução do seu caso. Ao fim desse prazo, porém, chegou á ilha uma lancha: ia buscar o cidadão brasileiro Julio Kuntz, natural de Nova Hamburgo, no Rio Grande do Sul, e que viera ao Rio para vender as meias da fabrica «Santa Margarida», de propriedade do pae.

Desembarcado no caes, andou o rapaz acima e abaixo, com as suas caixas de amostras. Chegando ao pé do obelisco, na Avenida, sentou-se. Approximou-se um guarda:

— Que faz ahi, ó amigo? — indagou, o «casse-tête» no dedo.

— Ich stopfe meine Strümpfe. — respondeu o moço.

— Que é que está dizendo? — tornou o guarda, franzindo a testa, intrigado.

— E o rapaz, inalteravel:

— Ich hobe Ihnen nichts zu sagen.

— Eu não entendo «italiano», camarada! — bradou, continuando o seu caminho, o civil, em cujo braço se via a fita característica dos polyglotas policiaes.

Uma semana depois, estava o jovem passageiro do «Ita» integrado na vida nacional, hospedado numa pensão de estudantes, para as bandas de Silva Manoel. Simpathico, maneirado, com aquella singelleza característica dos homens da sua raça, era o teutão de Nova-Hamburgo, em breve, não só uma das figuras mais estimadas do meio estudantil, como o elemento mais valioso do Silva Manoel F.-C., que funcionava, então, quasi clandestinamente, naquelle recanto da cidade.

Enthusiasmado os rapazes para o «foot-ball», o moço Kuntz realizava, secretamente, a missão de que o incumbira o pae: promovia o consumo de meias da fabrica «Santa Margarida», unicas que resistiam, dizia elle, ao attricão do pé com a botina, no momento do «shoot».

Em 1920, a fama do moço de Nova-Hamburgo havia estravassado da Silva Manoel para o resto da cidade, e chegava ao Flamengo. Vendo nelle um elemento excellente, attrahiram-n'o. E, em pouco, era o moço Kuntz um dos nomes mais victoriados do grande campo da Paysandú, onde o incluíram, um anno depois, como um dos «players» do «team» que foi, em 1921, disputar o campeonato na Argentina.

A passagem de Kuntz por Buenos Aires foi uma verdadeira glorificação. Nenhum «player» brasileiro foi tão homenageado, tão cercado de gentilezas, tão cumulado de attentções, como elle. A propria magistratura sahio do sério, para vel-o do perto. E, desta, fazia parte um juiz criminal da cidade, cidadão de moralidade acima de toda a suspeita, o qual seguiu o nosso patricio, quasi de quatro pés, até a fronteira do Brasil.

Como jogador, e, especialmente, como sentinella do «goal», Kuntz é, no Flamengo, um digno emulo de Marcos. Nada ha, entretanto,

tão dessemelhante, como o processo dos dois. Marcos é a ligeireza serena; Kuntz a agilidade tumultuosa.

— E' um gato de azas! — dizia um inglez, que o viu jogar na Argentina.

E é mesmo. Peguem um gato, mesmo sem azas, amarrem-lhe na cauda uma bola de papel, e terão Kuntz defendendo o «goal». A sua capacidade de dar saltos é tão furiosa, que, ao terminar o jogo, está, sempre, com os cabellos sujos de areia, sem saber como. E' que elle, no entusiasmo da «pegada», fica, ás vezes, com a cabeça no chão e os pés para o ar, depois de haver passado tres, quatro, cinco vezes por baixo das proprias pernas.

— O trabalho maior do Kuntz, quando acaba o jogo — informam os companheiros, — é tirar pedaços de arame do prego das botinas: a metade da rede do «goal» vae, todos os domingos, no pé d'elle!

Ha, talvez, nisso, um pouco de exaggero. O Saccadura, por exemplo, vóa mais do que Kuntz. E ninguem o censura por isso. Depois, que inconveniente haverá nos seus saltos, se elles constituem, para o Flamengo, uma das seguranças do triumpho?

— Certa vez — conta-se, — Chico Netto deu um «shoot» na bola, fazendo-a subir uns cincoenta metros. Olhos em alvo, Kuntz pulou, ao encontro d'ella. Ao voltar ao solo, trazia qualquer cousa na mão. Era um pombo, apanhado, por engano, no ar...

— Isso não é homem; é gato! — gritou uma torcedora do Fluminense.

E fugiu da archibancada, com o pavor estampado nos olhos.

Agil assim, Kuntz está cotado, mais ou menos, para «keeper» do Sul-Americano, este anno, aqui.

— E' victoria certa! — dizem os do Flamengo, animados.

— Nós temos receio! — murmuram os do Fluminense.

E á meia-voz, ao ouvido uns dos outros:

— Quem tem Kuntz... tem medo!

O certo é, porém, que Kuntz é um grande, um bello, um formidavel jogador. Não vende mais meias. A fabrica de meias do pae passou, agora, a fazer licores e conservas. E' noivo, e queridissimo. E, gato ou homem, possui admiradores innumeraveis, que o applaudem furiosamente, e a confiança dos seus companheiros, cujos esforços encontram, sempre, nelle, á porta do «goal», um collaborador valente, temivel, e efficaz.

Pé... lopidas

A fortuna

A encantadora creaturinha myope, adorada de modo tão intenso pelos poetas, foi solicitada em casamento, no dia do seu anniversario, por dois admiradores sinceros: um commerciante e um bacharel pobre, recentemente diplomado.

— Qual, dos dois, tu preferes, minha filha? — indagou a mãe da moça.

— O Alfredo, mamãe.

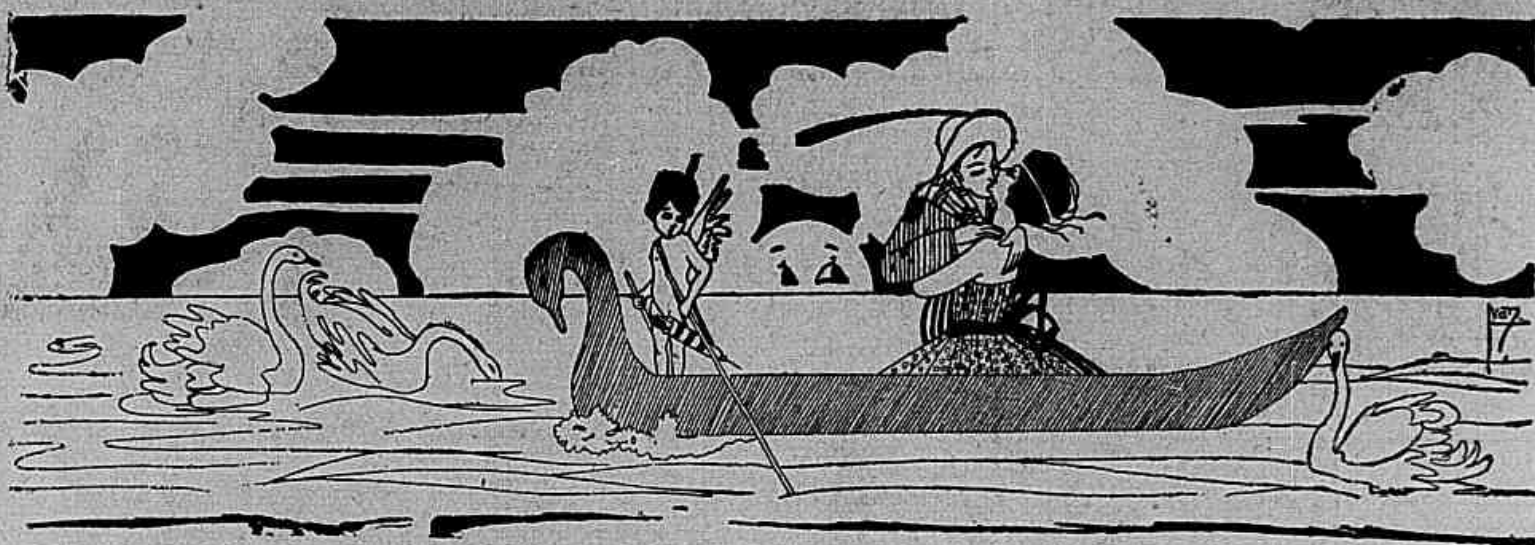
— Mas o Juvencio está em melhores condições, menina. Elle é commerciante.

— O outro é mais rico, mamãe.

— Mais rico do que o Juvencio?

— Então? Elle não tem um bilhete da Loteria da Cruz Vermelha?





O SOBRESALTO DE LEONOR

A paixão da linda Leonor Barradas pelo Zézico é uma dessas coisas inexplicáveis, capazes de confundir os mais atilados psychologos.

Cahiuihe no gotto o rapaz, e prompto. Adeus honorabilidade, adeus conveniências, adeus tudo! E' um escandalo que toda gente comenta com certo ar de admiração, em virtude das circunstancias de que se reveste o facto.

Si Alvaro (Alvaro é o marido della) fosse um velho babão, valetudinario, achacado de rheumas ou victima de alguma paralyasia, ainda vá: explicar-se-ia facilmente o transvio da maluquinha, casada não ha dois annos sequer.

Mas Alvaro é moço, goza de invejavel saude, é bonito mesmo. Sua figura faz lembrar esses galãs de cinema que as melindrosas adoram: alto, peito largo, rosto moreno enfeitado por densas sobranceiras negras e elegante no trajar, qualidades essas a que se junta a de uma desenvolvida musculatura de athleta.

E Zézico, por culpa de quem as olheiras de Leonor são sempre fundas, é justamente o contrario. Franzino, rachitico, enfezado, mil e poucos réis de gente mettidos em roupas apertadinhas, segundo as duras exigencias do almo-fadismo, é mais do que ridiculo como homem, é mesmo um typinho repugnante.

Quem comprehende as mulheres? Leonor prefere Zézico e está tudo acabado. Que murmurem, que critiquem, que tesourem.

O interessante... Perdão! risque-se o «interessante». Ia-lhes dizer que o interessante é que, sabendo todo o mundo de taes amores, só o enganado esposo de nada desconfia. Isso, porem, é a regra. Os maridos, geralmente, quasi nunca sabem dessas coisas que lhes compromettem

a paz do espirito e o bem estar do corpo.

E' o que se dá com Alvaro, de quem se diz á bocca pequena:

— Com aquella estampa de cavallo nor-mando, e é um pobre coitado!

Elle está de boa fé, no entanto. Cego de confiança, crê firmemente na fidelidade da esposa.

Ella, sim, é que vive mais ou menos sobresaltada, tanta certeza tem de que o marido moeria com bons murros os ossos do rapazelho si viesse a conhecer a situação.

Zézico, por sua vez, não deixa de demonstrar uma ponta de receio, quando ouve de Leonor:

— Si elle souber...

Ainda hontem, um pequeno susto veio toldar-lhes a felicidade.

Estava combinado um encontro no discreto lugar do costume e Zézico chegou com cinco minutos de atrazo.

— Perdôa, meu amor; fui fazer um pouco de «sport» e perdi um bonde. Estive treinando...

— Treinando o que?

— Corrida.

— Corrida?

— Sim, corrida a pé.

Leonor empallideceu:

— Você acha, então, que Alvaro já desconfia de alguma coisa?

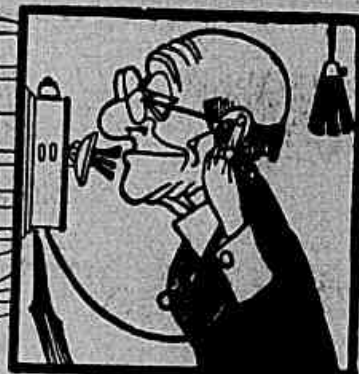
André



Comprar um bilhete da Cruz Vermelha é, além de uma habilitação a sorte, um auxilio a grande cruzada!



"POTINS"



Entre les deux... son visage balance...

Não obstante a formosura da esposa, o conhecido advogado arranhou um caso complicado, que começou pelo Carnaval. Desconfiada, madame chamou-o á ordem:

— Dize-me uma cousa: tens alguma ligação por ahí?

— Eu? Não.

— Pois, olha: no dia em que eu descobrir alguma affeição tua, eu te atiro isto no rosto. Vês?

E mostrou-lhe um vidro de vitriolo, cuidadosamente acondicionado.

Dias depois, foi a amante que o chamou á ordem:

— Dize-me uma cousa: tu me queres, ou não?

— Quero-te, sim.

— Porque, ólha: no dia em que não me quizeres mais, eu te atiro isto na cara!

E mostrou-lhe... outro vidro de vitriolo.

O heroe

Naquella festa do «Minas Geraes» a linda brasileira andou de um lado para outro para arranjar um vestido. «Mordeu» o pae, «mordeu» a mãe, «mordeu» o irmão, «mordeu» até um primo em cento e tantos mil reis para não perder aquella ocasião de dansar com o Saccadura. No meio da festa, apresentou-se-lhe um tenente do Exercito, fardado. Dançaram; palestraram; e de tal maneira que não tinham mais olhos senão um para o outro. De repente, porém, o rapaz desapareceu.

— Que é isso? Porque essa tristeza? — indagou uma prima, vendo-a cabisbaixa.

— Nada, menina. Estou á espera d'elle.

— Elle, quem?

E ella, que lhe não sabia sequer, o nome:

— O soldado... desconhecido!...

Primeiro encontro



— Para onde vae?

— Não sei; o senhor é quem sabe...

(Cont. de «Paulo Frontin»)

quecido de obras de arte, cortavam, do dia para a noite, o sertão mineiro. O caboclo dormia, ao anoitecer, com o berrar do gado e acordava, de madrugada, com o silvo da locomotiva.

— E' o Canhoto em pessoa! — diziam, ao vel-o, alguns sertanejos, persignando-se.

— Veio do Inferno, mesmo... Olha a barba d'elle como está sapecada?

Em 1919, era o mesmo homem que assumia o governo da cidade, como Prefeito. Escolheu-o Delfim Moreira.

— O Delfim está maluco! — diziam os mineiros, alarmados.

Frontin justificava:

— Está, mesmo. E eu vim auxiliá-lo.

E sem se deter, esbaforido:

— A classe é unida!

O que foi o trabalho do antigo sacristão da Senhora das Dores nesse pequeno praso que lhe deram para aformosear certos pontos da cidade, toda a gente se lembra. Trabalhava-se dia e noite. Fazia-se uma praça num dia, uma avenida numa semana, um bairro em um mez. E de tal modo que, ao receber o Prefeito em Palacio, Delfim Moreira perguntou:

— Já iniciou as obras, doutor?

— Já, doutor, — informou Frontin, — E já as acabei. Vim buscal-o para a inauguração!

E' assim o profissional. Fóra da engenharia, em que é respeitadissimo, e da politica, em que dispõe de um presti-

gio incomparavel, é, diz-se, um santo. Casou-se, affirmam os contemporaneos, trazendo á frente a grinalda de flores de laranjeira. E tem sido a castidade, na accepção que lhe dá S. Francisco de Salles, uma das suas virtudes principaes. Na mocidade, soffreu perseguições innominaveis. Uma fidalga do Imperio offereceu-lhe uma fortuna por um beijo. Frontin corou, tremeu, sorriu, mas não deu o beijo. Mesmo agora, na velhice, não são raras as damas que sonham com uma caricia das suas. Elle guarda, porém, a sua condição de fructo prohibido, com a avareza com que carrega, por toda a parte, aquelle seu famoso guarda-chuva branco, filho legitimo d'aquelle outro que lá está, feito de pedra e ferro, nas alturas vertiginosas do Corcovado...

Actualmente, anda o nosso Conde a passeio pela Europa, medindo o continente com a sola das suas botinas. Está velho, não, porém, cansado. Ainda ha de demorar, por isso, muito tempo, nesse valle de lagrimas, até que Deus o chame á sua presença para que o céo tenha mais um bemaventurado a passeiar nos seus jardins maravilhosos. Esse bem-aventurado terá uma grinalda de flores de laranja á cabeça, trará a barba entrelaçada de jasmims, e percorrerá o Paraíso, de cima abaixo, cantando psalmos, trazendo á mão direita um lenço para o suor e na esquerda, aberto, um enorme guarda-chuva de morim. Mas, tambem, com a graça de Deus, o novo habitante celeste só fará milagres como Santo Antonio: com promessas de vintem...

Rodin

A loteria da "Cruz Vermelha" é a maior e a melhor da America.

CIRCO DE CAVALLINHOS

Marechal Pifer



Nos sertões do Piauí existe uma cidadezinha de setima ordem, chamada Perypery. Antigo aldeamento dos índios desse nome, é mais uma villa habitada por creadores de gado do que, propriamente, um centro de civilização. E foi ali, numa casa de fazenda pertencente ao avô, que nasceu, em anno que o Almanack da Guerra não assignala, uma creança que tomou o nome de Firmino.

Consultado sobre a infancia desse irmão mais velho, o dr. Joaquim Pires Ferreira declarou, uma vez, que elle viera ao mundo de-soiças, e que essa originalidade levava á fazenda do

Poco Fundo centenas de romeiros, descidos de Piracurua, de União e, até, de Oeiras e Jaicós. A verdade é, porém, que o menino nascera como todos os meninos do Piauí, e crescera mamando no peito da cabra, derrubando bezerros pelo rabo, correndo a cavallo, e sapateando ao luar, nos terreiros, com as cheirosas caboclas das redondezas.

Aos doze annos succedeu ao pequeno um caso que decidiu, de uma vez, do seu destino. Havia Firmino sahido a cavallo, de manhã, para visitar um parente quando, a duas leguas de casa, viu, na planície, um touro formidável, que escarvava o chão, levantando nuvens de poeira. Indiferente, o menino continuou o seu caminho. E estava a uma centena de metros quando o bicho arremetteu de lá, no seu rumo, a cabeça baixa, os olhos em fogo, os chifres em ponta, rapido como uma flexa.

Soltar um grito e esporear o cavallo foi, para Firmino, a mesma cousa. O cavallo era bom, habituado ás vaquejadas e, mal viu o touro arremetter, disparou, atravez da campina, no rumo da fazenda. E era épico, aquelle quadro: o cavallo na frente, as patas estiradas, o pescoço estendido, numa carreira que era um delirio; e atraz, o boi, numa distensão de todos os musculos, num emprego de todas as forças, numa reunião de todas as energias, na perseguição furiosa do cavalleiro. Subito, Firmino olha para traz: apesar da excellencia do cavallo de gado, o touro ganhava terreno, na esteira do animal. Dois minutos mais, e seria alcançado. Pallido, o meninote estremeceu. E foi quando teve uma idéa providencial: deu um pulo do cavallo, cerrou os punhos, fechou a bocca, e disparou, a pé, campina a fóra, com tamanha furia, que, quando chegou em casa, o touro havia ficado, com a lingua de fora, a dois kilometros de distancia!

Informado do caso, e sentado o menino em um banho de arnica, para estancar as feridas feitas pelas «chilenas», o avô sentenciou:

— E's um heroe, meu filho. Tens vocação para a cavallaria. Serás, um dia, general!

Annos depois estava o antigo vaqueirinho no Rio de Janeiro, tendo, nos punhos, os galões de capitão, conquistados gloriosamente na Escola Militar. E quando chegou a Republica, enveredou por ella com a ancia, a coragem, o desassombro, e, sobre-

tudo, com a rapidez com que atravessou, quando pequeno, com o touro na retaguarda, aquella formosa planície do seu amado Perypery.

O novo regimen foi, para o capitão Pires Ferreira, generoso e paternal. Apaixonado pela politica, entrou o jovem militar para ella como deputado, e era, em breve, tornado senador. E não ha

quem se não lembre, no Rio, e no Brasil inteiro, das formidaveis orações do bravo politico piauihyense, tão repietas, sempre, de imagens pittorescas e, principalmente, de situações imprevistas.

Os discursos do marechal Pires eram, realmente, curiosos. Elle pedia a palavra, por exemplo, para propor um voto de pesar pelo fallecimento de um collega. De repente, passava a tratar dos soldos militares. Dos soldos saltava para a construcção da Estrada de Ferro de Caxias. Da Estrada de Ferro pulava para a questão financeira, para o problema das seccas, para a politica piauihyense, até que terminava, outra vez, nas proximidades do necrologio que se propuzera fazer. Commentando esses discursos, dizia Alcindo Guanabara:

— O Pires é, no Senado, o bonde da rua Chile.

E explicava:

— O bonde da rua Chile sae deste ponto, no canto da Avenida, e envereda pela rua da Assembléa; depois, enfia pela praça Quinze, pela rua Primeiro de Março, pelo Campo de Sant'Anna, pela Estrada de Ferro, pela Gomes Freire, dando mil voltas e reviravoltas. E tudo isso para, ao fim de uma hora de viagem, vir parar no largo de S. Francisco, a dois passos do ponto de partida!

A maior fama do Marechal provém, entretanto, da sua vida puramente social. No seu tempo, era o homem dos abraços. Politico que subisse ao poder, viajante illustre que chegasse, não recebia amplexo antes do d'elle. Conta-se, mesmo, a proposito dessa mania inoffensiva, uma decepção que lhe foi inflingida, inopinadamente, na matriz de S. João Baptista da Lagôa.

Era no casamento de um rapaz que é, hoje, magistrado de alta categoria. A igreja estava cheia, repleta de familias. Grave, austero, o sacerdote abençoava os noivos.

— Sejam felizes! — diz.

E ainda não havia acabado a frase, quando o Marechal se meteu entre o rapaz e a moça, prompto para abraçá-la.

— O primeiro é meu! — dizia.

— E' meu!

— Protesto! O senhor está enganado! E' meu! — bradava o noivo.

Foi um escandalo, mas o Marechal abraçou.

Houve um tempo em que o velho e querido militar não se contentava em abraçar as senhoras com os braços. Nos bondes, nos trens, todo elle era antenas, tentaculos, membros aprehensores.

— Isso não vae bem, Pires ve-



CIRCO DE CAVALLINHOS



O MARECHAL PIFER

(Surpreendido numa vaquejada politica)

SUBMISSÃO

O architecto Luciano, aquelle famoso artista que ideou a gruta submarina para as festas da Exposição do Centenario, possuia um defeito que o diminuia aos olhos dos seus companheiros de classe: olhava tanto para a fachada das casas alheias, que não prestava attenção, absolutamente, ao interior da sua. Uma cornija, um arco, uma simples alteração de traço que descobrisse no frontespicio de um predio, punha-lhe dores de cabeça, maltratava-lhe os nervos, afinados no culto da profissão. Dentro da sua propria residencia, ia, tudo, mais ou menos, á matroca. Os pilares, as columnas, os estuques, estavam, todos, nos logares; a melhor obra d'arte, porém, a sua verdadeira obra prima (Luciano era casado com a filha de um tio) não sahia da rua, e, se estava em casa, era para ter no salão, sempre, um visitante, pessoa da intimidade do marido.

Apaixonado pelos seus planos, o conhecido engenheiro não se preocupava muito com as ninharias domesticas. A arte seduzia-o, dominava-o, absorvia-o. E era para elle um prazer, uma satisfação innominavel, examinar, de noite, á claridade das estrellas, as torres, os andaimes, as janellas dos predios altos, concepção maravilhosa do seu engenho.

— Luciano, vamos hoje ao theatro? — convidava a esposa.

— Ah, filha, é impossivel, — desculpava-se o artista. — Eu tenho que ir ver, á meia-noite, o effeito da lua nova, quando bate na torre esquerda do palacete que eu estou levantando para o Jayme de Vasconcellos.

E á meia-noite, lá estava elle, no silencio da praia, vendo subir pelo céu, como uma fatia de queijo, o fiapo de lua, fino, delgado, que parecia querer enganchar-se nas agulhas do palacete.

Essa vida, como era natural, desgostava Dona Minervina. Certo, o esposo lhe dava a maior liberdade e, com a liberdade que ella queria, o dinheiro que elle podia. Isso não obstava, entretanto, que a assaltasse de vez em quando uma tristeza, um desgosto profundo, que se accentuava quando se tornava preciso, e não era possivel, comparecer em certos logares em que é indispensavel a companhia de um marido.

Na escada por onde rolava, Dona Minervina tinha de, fatalmente, cahir no capacho, no pó, no chão. Os admiradores cercavam-na, perseguiam-n'a. E quando a moça deu accôrdo de si, estava com os labios na bocca do

capitão Ferreira de Moura, bello typo de galã, tendo diante dos dois, mudo, sereno, os braços cruzados ante o espectáculo innominavel, o desgraçado Luciano!

Esse episodio não alterou, entretanto, em nada, a vida do casal. O engenheiro continuou com os seus planos, e a mulher com os seus amantes. Mas, um dia, Dona Minervina não poudé mais: desatou num choro á entrada do marido, soluçando como uma creança.

— Eu sou uma infeliz! — dizia — Eu sou uma desgraçada!

— Mas, por que, filha? Por que?

— Eu não me conformo com isto! — continuava a pobresinha, o rosto molhado de pranto. — Como eu posso andar na rua, nas festas, nos chás, de rosto levantado, sem corar de vergonha por tua causa?!... Não, eu não me conformo!

Desatou em pranto ainda maior, e accentuou:

— Eu não me conformo em ser apontada por toda a parte, por toda a gente, como a mulher de um esposo trahido!...

E olhou-o com raiva, os olhos em pranto, os punhos cerrados.

Karl Kork

Sem importancia...

Quando os dois se ligaram, ella assegurou que não tinha compromissos, nem os tivera, desde que se separara do marido.

— E Fulano? — indagou elle.

— Ah, — sorriu a leviana. — Um caso sem significação. Algumas cartas, algumas palavras, um amor puramente platónico. — Não tem importancia...

Tempos depois, outro boato, sobre outro caso.

— E Fulano?

— Ah! — tornou ella. — Foi uma paixão carnal, de momento, um capricho tolo, que foi satisfeito; e acabou-se.

E com a mesma naturalidade:

— Não tem importancia...

CONSULTÓRIO DE



MME BENEDICTA

ANDREE — Os versos de Camões (Lusiadas, X, 122) alludindo aos monstros do reino de Alarcão, são estes:

“Monstros filhos do feio ajuntamento
De uma mulher e um cão que sós se acharam”

Procure interpretar o poeta. Eu, por mim, como mulata que sou, contento-me com admirar-o, principalmente por tratar-se de um grande e glorioso português.

PAULISTA — O seu caso é um caso commum de psychologia feminina. A creatura a que allude, foi sincera quando lhe queria bem; foi sincera quando lhe disse que não gostava do seu rival; e é sincera, agora, quando contracta casamento com elle. Si o senhor conhecesse melhor o coração das mulheres, não se espantaria com isso. O que succedeu, não impede, entretanto, que a sua amada de hontem se apaixone novamente pelo senhor. Por enquanto, limite-se a erguer as mãos aos céos, por ter dado a outro homem uma creatura de character inseguro, que faria, com certeza, a sua infelicidade.

— «A mulher, — diz o venerando Conselheiro X. X. nos «Gansos do Capitolio», — é como

as castanhas do Pará: só depois de quebrada é que se sabe qual é a bôa.»

O que eu lhe posso assegurar, é que merece parabens por ver aquella castanha na bocca de outro.

CABO ARETINO — Infelizmente, o assumpto já foi tratado pelo sr. Conselheiro X. X., como se vê no seu ultimo livro, «Gansos do Capitolio» pag. 87. De qualquer modo, muito obrigada.

BALTHASAR — Não jogue mais; nem, mesmo, no cavallo de Troya. O seu caiporismo é apavorante. Encare-o, porém, com bom humor, como fez, em Autiei, certa vez, o sr. dr. Linneu de Paula Machado. Certa vez, o nosso patricio, cansado de perder dinheiro, jogou tudo que possuia no bolso na occasião, no parrelheiro em que toda a gente depositava confiança. Pois, bem: bastou isso para que o animal se atrasasse de tal maneira, que o dr. Linneu ficou, toda a tarde, e parte da noite, debruçado no varandim do prado, olhando a pista. O campo ficou deserto e elle, só, se deixou ficar. No dia seguinte, chegou-se um-lhe gendarme, e bateu-lhe no hombro:

— Que faz aqui, cavalheiro?

E o dr. Linneu, espantado:

— Nada. Estou esperando a chegada do cavallo.

— Que cavallo?

— Um, em que eu joguei hontem.

Tenha, pois, paciencia. O seu cavallo ha de chegar...

DR. SAMPAIO FERRAZ — Estou em absoluto desaccordo com o senhor. Astronomicamente, eu sou da opinião de Jerry Sherry. O sol e a lua são uma e mesma cousa. Para se fazer a lua, basta virar o sol do outro lado, por meio de um cordão, todas as tardes. O resto é bobagem. **Mme. Benedicta**

lho! — dizia Pinheiro Machado.

E com a sua fala arrastada, de gaúcho, accentuando nas vogaes:

— Você quer abraçar o mundo com as pernas?

Hoje, o marechal está aposentado, como militar, como politico e, sobretudo, como... abraçador. O braço cahiu-lhe, inerte. E Deus o conserve assim, para que elle atravesse o Lethes na barca de Charonte, sem incomodar, com o braço, ou com a perna, as passageiras que fôrem na mesma viagem...

João Kaetano





acanhado... de-
ante de muita
gente... mas so-
zinho comigo
já está bem
desembaraça-
do...

(saem Edgard
e Marcella)

SCENA 3.a

Aurelio, Ga-
briela e Chris-
tina.

(entra Christina)

CHRISTINA — (Com um
espanador) A senhora dá li-
cença que eu arrume esta
sala?

GABRIELA — Não é pre-
ciso... Tens de arrumar pri-
meiro a mala...

CHRISTINA — O patrão
vae viajar?...

GABRIELA — Tu é que
vaes viajar...

CHRISTINA — Eu
viajar!... Com quem?...

GABRIELA — Na-
turalmente com o ho-
mem que andas met-

tendo aqui... dentro
de casa...

CHRISTINA —
Eu mettendo... aqui
dentro de casa... um
homem?... Santas alminhas do pur-
gatorio... me valham!... A patrão...
com licença da palavra não sabe
bem o que está dizendo...

GABRIELA — Primeiro tens de
ir buscar as compras... que eu não vou ficar
um domingo sem compras e sem creada...

CHRISTINA — Mas sempre queria que a
patrão... me dissesse porque razão...

GABRIELA — Não tenho conversas... Vá fazer
as compras, se quizer que eu lhe pague o dia...

(Saem Christina, Gabriel e Aurelio)

SCENA 4.a

EDGARD E MARCELLA

(entram cautelosos pela varanda)

MARCELLA — Já foram...

EDGARD — Olha bem...

MARCELLA — Vem...

EDGARD — (entrando na sala) Que estariam elles
discutindo na porta do quarto da creada?...

MARCELLA — Não sei... Mas tua mãe não queria
que o tio entrasse lá...

EDGARD — Que seria?...

MARCELLA — Vamos ver... (entreabrindo a porta)
Não ha nada... Nem mesmo está arrumado... E' uma de-
sordem...

EDGARD — (espiando por sobre o hombro della)
Que cama tão suja...

MARCELLA — Que será aquella mancha... tamanha...

EDGARD — No chão?...

MARCELLA — Não... Ali... No lençol...

EDGARD — Não sei... parece...

MARCELLA — Se não fosse nojo... a
gente podia cheirar para ver o cheiro que
tem...

EDGARD — (cheirando o pescoço de
Marcella) Prefiro cheirar aqui... (beijando-a
na nuca) Marcella...

MARCELLA — (passando-lhe o braço por
traz da cabeça, voltando-se e beijando Edgard
na bocca) Meu filhinho...

EDGARD — Vamos entrar...

MARCELLA — Ah!?

EDGARD — Que tem isso?

MARCELLA — Não... Prefiro ir no caramanchão...

EDGARD — Então... vamos... depressa... (saem os dois
enlaçados).

SCENA 5.a

(Aurelio e Amelia)

(entram pela direita)

AURELIO — Gabriela anda novamente ás voltas com
a creadaagem...

AMELIA — Isso hoje é um horror... Não páram...
De uma hora para outra estamos arriscados a ir para a co-
sinha... E' por isso que resolvi tomar pensão fóra... Em
casa só tenho uma empregada para todo serviço... E essa
é surda... Não ouve o que se diz...

AURELIO — (sentado no divan ao lado della) tem
suas vantagens... A conversa é até mais agradável, junto
a um creado mudo...

AMELIA — Quer que lhe ceda a minha?

AURELIO — Não... Poderia faltar-me a oportuni-
dade de apreciá-la em sua casa... Não desejo roubar-lhe
esse atractivo... tão útil...

AMELIA — A sua creada com certeza foi dispensada
porque fallava muito e trabalhava pouco...

AURELIO — Nem uma... nem outra cousa... Scismas
de Gabriela.

AMELIA — Ciúmadas!... Com uma creada?... Pensei
que o Snr. com o tempo já se tivesse curado dos seus
ardores de outrora... de quando tinha 25 annos... e eramos
quasi noivos...

AURELIO — Ingrata!... Por que vem recordar esse
tempo tão saudoso!... Fomos tão felizes!... Não fosse aquella
partida subita de seu pae para o norte e hoje estaríamos
casados...

AMELIA — E eu a ralar-me de ciúmes... obrigada a
despedir as creadas...

AURELIO — Não commetta essa injustiça...

AMELIA — Accusando a creada...

AURELIO —

A mim...

AMELIA —

Então sempre

confessa que

sua mulher t-

ve razão para
despedir a crea-
da...

AURELIO —
Teve e não te-
ve... Afinal o
crime da coi-
tada não era
tamanho as-
sim...

AMELIA —

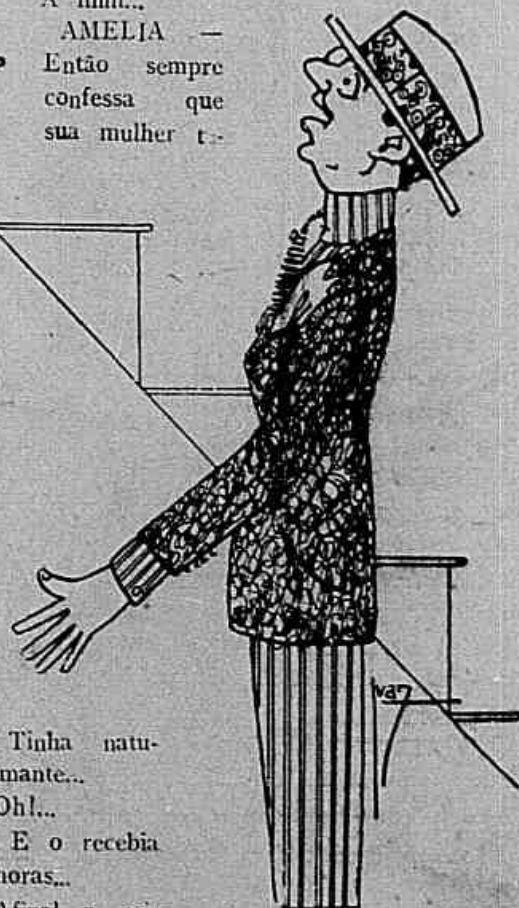
Que fazia ella...

AURELIO — Tinha natu-
ralmente um amante...

AMELIA — Oh!...

AURELIO — E o recebia
aqui... fóra de horas...

AMELIA — Afinal a coi-
tada não podia receber o
amante á vista de todo mun-





Theatro Boccacio

A CAMA SUJA

COMEDIA EM 1 ACTO, DE JAN RICHORA

(Estylo official para a temporada no Theatro Municipal).

Personagens —

Aurelio, 45 annos — Gabriela, sua mulher, 43 annos —
Edgard, seu filho, 17 annos, Marcella sua sobrinha, 32,
annos — Amelia, viuva, amiga da casa 40 annos — Chris-
tina, creada — 35 annos.

Sala de repouso, no campo pela manhã — Ao fundo,
varanda para o jardim ao sol — Portas á direita e á es-
querda um divan.

SCENA 1.ª

(Aurelio de pyjama, no divan, lê
um jornal).

GABRIELA — (Sahindo de uma
porta á esq., agitada e tomando o
jornal de Aurelio) Aurelio, és um che-
fe de familia ou não és?...

AURELIO — Como?...

GABRIELA — Queres que respei-
tem tua mulher, o teu lar?...

AURELIO — Hein? !...

GABRIELA — Queres que respeitem a virtude de tua
sobrinha e a innocencia de teu filho?...

AURELIO — Mas... explica-te...

GABRIELA — Já entraste alguma vez no quarto de
Christiana?...

AURELIO — De noite?!...

GABRIELA — De dia...

AURELIO — Que idéa?!... Achas que eu seja capaz
de entrar no quarto da
creada?!...

GABRIELA — Digo...
por simples curiosidade...
para ver a arrumação...

AURELIO — Não falta-
va mais nada... Queres
que eu fiscalise tambem
a arrumação da casa... o
quarto da creada... mas
isso compete a ti... a
dona da casa... Dá-me o
meu jornal...

GABRIELA — (Impe-
dindo que elle tome o
jornal) Primeiro tens de
ver o escandalo que se
passa em tua casa... trans-
formada em... lupanar, pela
vagabunda que tomamos

como empregada...

AURELIO — (levantando-se) Que dizes?

GABRIELA — (caminhando até á porta da esq. e
entreabrindo-a) Olha!...

AURELIO — (abrindo mais a porta) Que relaxada!
até esta hora ella não teve tempo para arrumar o pro-
prio quarto?...

GABRIELA — Olha para os lençóis... Sabes que é
aquillo?...

AURELIO — Parece... (vae en-
trando ao quarto) só vendo de perto...

GABRIELA — (puxando-o para fó-
ra pelo braço e fechando a porta)
Não te faças de tolo... (Edgard e
Marcella apparecem á porta da va-
randa).

AURELIO — Seria preciso talvez
sentir o cheiro... para certificar-se...
A's vezes é agua sanitaria... demais...

GABRIELA — Tu não entrarás nes-
te quarto... não consinto tamanho desrespeito em minha
casa... (voltando-se e vendo Edgard e Marcella em pé,
na porta da varanda) Que fazem vocês ali?... Que querem?..
E' melhor continuarem no portão... á espera da passagem
do homem das flores...

SCENA 2.ª

Aurelio — Gabriela, Edgard, Marcella

EDGARD — Ora... mamãe!... Já estou cansado...

MARCELLA — Vamos então sentar no caramanchão...

EDGARD — Só se for
para arrumar as trepa-
deiras...

MARCELLA — Vaes dar
a lição de linguas...
Hoje é dia de francez...

EDGARD — Vamos...

AURELIO — (A Mar-
cella) Não puxes muito
por elle... Sabes que o
Edgard é fraco...

MARCELLA — E pou-
co desenvolvido... eu sei...
Por isso mesmo elle pre-
cisa de exercicio —

GABRIELA — Princi-
palmente de linguas... E'
um bobo... quasi não fal-
la a propria lingua...

MARCELLA — Elle é



OLHOS

Inflamações

USE O

"COLLYRIO MOURA"

PARA O BANHO O SABÃO

THYMO BORICO

CONTRA: BROTOEJAS-ASSADURAS-PRURIDOS

do... Ha muitos que são tímidos... ao só... o Shr. por exemplo... quando eramos noivos... só se inflamava um pouco quando estavamos á sós, de noite...

AURELIO — Na varanda... no escuro... Mas elle... não me trate de Shr...

AMELIA — Está louco?... E a sua mulher?...

AURELIO — Ao menos quando estivermos sosinhos...

AMELIA — Para que?...

AURELIO — Para reviver um pouco o passado, o tempo em que a seu lado fui tão feliz.

AMELIA — E' tão tímido...

AURELIO — Talvez esteja mais desembaraçado na reprise... Naquelle tempo era tão moço...

AMELIA — E não tem receio de estar no momento um pouco... velho...

AURELIO — Não duvide de mim... Seria capaz...

AMELIA — De que?...

AURELIO — (agarrando-a pelos hombros) De beijal-a...

AMELIA — Que é isso? Enlouqueceu?...

AURELIO — (agarrando-a fortemente) Louco?... Fui eu outrora... quando a deixei fugir para os braços de outro... Não!... Amelia!... Agora, tu serás minha...

AMELIA — (levantando-se) E' muito tarde, talvez...

AURELIO — Não... E' tempo ainda... Ella não voltará já...

AMELIA — Aqui?... Não!... Não!... (procurando desvencilhar-se delle)...

AURELIO — Ali... nesse quarto... (arrastando-a com paixão) Vem... Vem... (entram no quarto da creada)

SCENA 6.ª

Gabriela, Edgard e Marcella

GABRIELA — (apparece como o Anjo expulsando Adão e Eva do paraíso; traz pela mão Edgard e Marcella, ambos encabulados, vermelhos, despenteados, assim como acabou de surprehendel-os) Descarados!... Descarados!... Vou contar-lhe como os surprehendi... (Deixando Marcella) Tu... perdida... espera-me lá dentro... no salão (e Edgard, empurrando-o para a porta do quarto da creada) E tu... grande debochado ficarás preso por ora neste quarto immundo... onde verás teu infeliz pae (abre a porta do quarto e fecha bruscamente) Ah!... O miseravel!... Também elle... Mas então vão todos para essa cama suja!...

Jan Richora

Depositario: PLINIO CAVALCANTI & C.ª



REGULADOR FONTOURA

O GRANDE
REMEDIO
DAS SENHORAS

TONICO RESTAURADOR
UTERINO

CURA DOENÇAS DO
UTERO

REGULARISA A
MENSTRUACÃO

CURA
TODOS OS ESTADOS MORBIDOS
DOS ORGÃOS FEMINOS

Rua Senador Dantas, 45 - RIO DE JANEIRO

Já comprou um bilhete da
CRUZ VERMELHA BRASILEIRA ?
É a maior da America
e a melhor do mundo.

HOEPFNER & Co., Ltd.

SECÇÃO GRAPHICA

EXECUÇÃO PERFEITA E RAPIDA

TYPOGRAPHIA LITHOGRAPHIA

RELEVOGRAPHIA ENCADERNAÇÃO

AVENIDA MEM DE SÁ, 236-240

Telephone Central 378

RIO DE JANEIRO



EXPEDIENTE

A MAÇA

SEMANARIO ILLUSTRADO

DIRECTOR - CONSELHEIRO X. X.

PROPRIETARIO - HUMBERTO DE CAMPOS

Redacção: Rua Sachet, 28

ESTADOS

Anno	25000
Semestre	13000
Numero avulso	800

CAPITAL

Numero avulso	8500
atrazado	8600

Agentes para os Estados:

LIVRARIA LEITE RIBEIRO

Rua Bethencourt da Silva ns. 15, 17 e 19

Compre um bilhete da Loteria da Cruz Vermelha Brasileira

Não procurou ainda V. Ex.

A formula que ensina a obter

OS

Beijos?

Previna-se, porque as encomendas já são numerosas !!!

COMP. DE LOTERIAS NACIONALES DO BRASIL

Extrações publicas sob a fiscalização do Governo Federal, ás 3 1/2 e aos sabbados ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, Sabbado, 8 de Julho, Ás 3 horas da tarde
GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

200:000\$0000

INTEIROS, 44\$000 — EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na séde da Companhia á Rua 1.º de Março, 88.

BANHOS DE MAR EM CASA

Vendem-se a 600 réis — 1.º de Março 151 e nas boas pharmacias e drogarias — Exijam a marca registrada onde se lê: Banhos de mar em casa. Unicos analyzados e recommendados por distinctos clinicos.



SYPHILIS? -- LUETYL

Substitue as injeções de 606, 914 e com vantagem o Xarope de Gibert e a antiga formula de Deret, para o tratamento da Syphilis, adquirida ou hereditaria em todas as manifestações.

— Lelam a bulla —

C. IA
LO
toda a parte

E? Drogaria Werneck
RIPPOSANOL

PLATULENCIAS?
ENXAQUECAS?
TONTEIRAS?...
USAE O
DIGESTYL
EFFECTO SEGURO

CONSESSIONARIOS
S. FARIAS & CIA
RUA MAJOR AVILA, 67
DEPOSITARIOS
DRUG RIBEIRO MENEZES & CIA
Rua Uruguayana, 91
DRUG. BAPTISTA
Rua dos Ourives, 30

Especialidade em
Tecidos ingleses

ALBUQUERQUE

ALFAIATE

Rua 7 de Setembro
n.º 97 - sobrado

Telephone C. 4585

Si quizer auxiliar uma instituição humanitaria e concorrer ao maior sorteio
de que ha noticia na America, compre um bilhete da grande

Loteria da Cruz Vermelha Brasileira